

# Echos de Guimarães

Director e Editor, Antonio de Carvalho Cyrne  
Administrador, Antonio Dantas  
Redacção e administração,  
Rua de Payo Galvão, 70

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Propriedade da Empresa  
DOS  
Echos de Guimarães

Officinas de composição e impressão  
Typographia Minerva Vimaranesse  
68, Rua de Payo Galvão, 72  
GUIMARÃES

## CÓCORÓCÓ

Uma coisa nos surpreendia nos tempos *ominosos* da Monarchia quando ingenuamente ainda esperavamos a salvação, de uma *ré publica* redemptora: que a propaganda republicana se fizesse sobre a base da liberdade e não da moralidade.

Com effeito, e de mais será repeti-lo, nós gosavamos na Monarchia incomparavelmente mais liberdade do que (afóra umas certas castas privilegiadas) agora desfructa a Nação portugueza. Se não progredimos o bastante para caminhar a par das outras nações, se as nossas finanças estavam avariadas, se na administração publica não havia o escrupulo e zelo necessarios, não era certamente por falta de liberdade—pelo contrario, devido a ella é que ascendiam aos altos cargos individuos inaptos para elles, mas por falta de moralidade.

A falta de moralidade é que impedia a elaboração de uma boa lei eleitoral; a falta de moralidade é que levava á centralização de todos os poderes nas mãos dos ministros e d'ahi provinha com os favores a corrupção; a falta de moralidade é que levava á criação de empregos desnecessarios e á sua acumulação em individuos pouco escrupulosos; a falta de moralidade é que levava ministros a dizer que fabricavam deputados a seu gosto, e outros a replicar-lhes que preferiam comprá-los feitos.

A falta de moralidade é que consentia os suppostos abusos do poder moderador.

Mas, se todos estes factos apontados e muitos outros que de momento não occorrem, eram materia sufficiente para uma rija campanha contra o deposto regimen, o facto é que era sempre o bordão da liberdade o que se feria.

O modo como a *ré publica* tem administrado este desgraçado paiz, vem dar a razão explicativa do facto: é que os seus coripeus queriam a liberdade de administrar peor, e tambem que, não era a questão de moralidade que os preocupava, mas a necessidade de satisfazer as suas ambições e os seus rancores.

A questão da moralidade era para elles menos do que

uma coisa secundaria—era uma coisa desconhecida. A recente eleição do Snr. Bernardino, quando mais não fosse, era d'isso uma prova flagrante.

Com effeito, sabendo-se as razões por que se formou o gabinete Pimenta de Castro, e sabendo-se como elle viveu e morreu, considerando-se o apoio que os evolucionistas lhe deram, mandava a logica, se houvesse moralidade, individual e politica, nos seus dirigentes, já não dizemos que abster-se por completo de collaborar com um partido que elles guerreavam como sendo o escarneo da civilização—seria esperar muito do seu patriotismo—mas ao menos que se abstivessem de dar os seus votos a um presidente *imposto* pelo chefe d'esse partido.

Pois tal não se deu! Apresentando os evolucionistas um candidato seu á presidencia, o snr. Guerra Junqueiro, pessoa idonea e de altissimo merecimento, livre de culpas na orgia politica— a sua estada na Suissa á custa do Estado, a pretexto de representação diplomatica é tão insignificante coisa que nem merece referencia, seria logico e coerente que ainda que não fosse senão por uma affirmação de principios, a sua votação fosse absoluta e integralmente mantida. Mas não! Perdida a sua causa, os votos dos seus admiradores foram engrossar os do seu adversario, e, coisa ratona e extravagante— tal qual como quando dois gallos que acabam de brigar, o vencido é sempre o primeiro a lançar ao vento o seu estridente *cócorócó*, o snr. Antonio José, perdida a eleição do seu afilhado, soffrido o cheque que o facto para elle representava, entendeu que nada tinha a fazer de melhor do que subir acima da sua poltrona—que custou ao Estado para cima de 600000 reis—e soltar aos ventos três sonoros *cócorócós*, perdão—três vivas—sendo um ao presidente eleito!

O que nos levaria a concluir, se tal conclusão não estivesse ha muito tirada, que o Snr. Antonio José se é um politico de *cócorócó*, é um homem de *cácarácá*. Coherencia, firmeza e dignidade... até ali!

Quando o regime democrático devia ser um regime de franqueza, de independencia e de liberdade, é isso que ali está: o fingimento, a oppressão e a escravização. E quando esse regime se inculca mais firme e solido no apoio e sympathia da nação, toma

## A lei garrote

A lei garrote é uma d'essas monstruosidades que só a nossa nação, hoje combalida e derrancada pelo democratismo, poderá tolerar.

Se em Portugal houvesse opinião publica, essa lei seria rasgada num fremito de indignação na cara dos que tiveram a audacia de a fabricar, promulgar e executar. Será uma perpetua denigração do actual regime, uma das suas nodoas mais infamantes.

Sob qualquer aspecto que se considere, merece a reprovação de todas as pessoas sensatas. Em primeiro logar está em contradicção com os principios do nosso tempo, em virtude dos quaes ninguém pode ser perseguido por causa das suas ideias, comtanto que cumpra as leis estabelecidas. E' tambem uma deshonrosa ingratidão.

O snr. Antonio José de Almeida disse, já não sei onde nem ha que tempo, que conservava nos seus logares, após a proclamação da republica, os empregados monarchicos por serem mais experimentados e competentes do que os republicanos que os fossem substituir. Pois agora, como supõem ter já pretendentes habilitados aos lugares publicos, expulsam os monarchicos, de cuja experiencia e saber se aproveitaram.

Assim fazem os ingratos. A lei garrote é uma calamidade nos tempos que correm: divide ainda mais profundamente a familia portugueza, que no momento actual tanto precisa de união e de serenidade; e agrava grandemente as nossas difficuldades financeiras que são temerosas.

Os empregados demittidos continuam a vencer um ordenado, embora um pouco reduzido. Se forem muitas demissões, como se julga e é provavel, a despeza publica vae augmentar em algumas centenas de contos. A vida cada vez será mais cara, sendo muitos os consumidores e poucos os productores. E encontra-se evidentemente com outra lei que, supponho, não está ainda revogada. Esta lei é a lei travão, que prohibe promulgar, seja qualquer que for, a lei que augmente as despezas.

Ainda mais: os democraticos, ao mesmo tempo que se esbofiam a cantar a liberdade, pretendem fazer dos empregados publicos uns capachos pacientes e consensientes com todas as demasias do poder. Por esta lei de expurgação e separação alguns empregados vão ficar reduzidos á miseria, ainda que até agora tenham desempenhado digna e conscienciosamente os seus deveres.

A consequencia mais natural d'esta medida, tão dura como injustificada, será que alguns empregados, para evitar a degola, se inculcarão como republicanos, posto que o não sejam, e falarão uma linguagem que lhes não é propria.

Quando o regime democrático devia ser um regime de franqueza, de independencia e de liberdade, é isso que ali está: o fingimento, a oppressão e a escravização. E quando esse regime se inculca mais firme e solido no apoio e sympathia da nação, toma

medidas de tal natureza que só quem for tolo não verá nellas um symptoma claro de fraqueza e inconsistencia.

Houve um governo que teve o despejo de propor esta lei de separação. Houve um partido que por interesse e subordinação a approvou. Houve um presidente que a firmou com a sua assignatura. Vamos a ver se ha quem coopere na sua execução e se os empregados demittidos se conformarão com as decisões inquisitorias das commissões.

Já estamos fartos de ver crueldades e cobardias, mas nunca esperamos chegar a ver o vergonhoso espectáculo que se está ensaiando.

P. A.

## SECÇÃO AGRICOLA

Pela oportunidade, transcrevemos este excellento artigo do Snr. M. F. P. Coutinho:

### FABRICO DOS VINHOS

## O DESENGACE DA UVA

Muitos vinicultores andam ás apalpadelas acerca das vantagens ou desvantagens d'esta operação

*Desengacear, ripar, escangar, descachiar ou esbagoar a uva* é a operação que tem por fim separar os bagos do *engaco, cango* ou *cachicho*, ou seja do esqueleto do cacho, do pé principal e dos pedicelos secundarios que seguram as uvas.

O desengace não pode ser recommendado, em geral, para todos os casos de vinificação: se em certos casos é trabalho indispensavel, noutros consequencias muito prejudiciaes.

Com effeito, se o engaco (provido de albuminoides que facilmente se organisam em fermentos) determina mais regularidade e provoca maior energia de fermentação; se, mecanicamente, favorece a *balsa*, tornando-a mais poderosa e facilitando, por consequencia, o arejamento; tambem, por outro lado, é certo que, promovendo a dissolução da tinta (por meio do excesso do tartro), produz vinhos mais carregados em cor, e aos quaes communica maior aspereza.

O engaco, cedendo ao vinho verdor e tanino, rouba-lhe alcool, augmentando-lhe a percentagem de agua, e tem, além d'isso, o inconveniente de occupar muito logar nas vasilhas de fermentação.

Oppondo-se, porém, a taes inconvenientes, surgem vantagens sobre o futuro do precioso liquido: o engaco, fornecendo tanino, auxilia, com grande efficacia, a depuração e a conservação do vinho.

Tem tambem o inconveniente de augmentar a quantidade de borra aos vinhos; mas offerece a vantagem de lhes elevar simultaneamente o extracto secco.

Taes vantagens e taes inconvenientes tem lançado os especialistas na materia em largas controversias.

Todavia, deprehende-se do que expuzemos, que nem os prós nem os contras citados tem um valor

absoluto; se é um beneficio desengacear uvas mal maduras, ácidas e adstringentes, ou com os engacos verdoengos, decerto será prejudicial submeter a identico trabalho uvas bem maduras e doces, com engacos lenhosos e seccoos.

Porém, no nosso paiz ha neste capitulo a tendencia (embora já um pouco atenuada pelos repetidos conselhos dos technicos) de proceder contra todas as regras: no norte, onde as uvas ácidas e adstringentes, onde os engacos são mercê dos processos de cultura mais herbaceos e verdoengos, não usam desengacear, e os vinhos *verdes-são*, ás vezes, tão rascantes que se tornam ingratos ao paladar; no sul supprimem os engacos a uvas completamente maduras, muito doces, e conservam depois os vinhos amolecidos, assim obtidos, por meio de exageradas aguardentações!

### Quando convem ou não convem desengacear

Mas, dirão os leitores, quaes são os casos em que convem aproveitar ou rejeitar o engaco?

A resposta cabal apresentamo-la, dando a palavra ao sabio agronomo e illustre professor Ferreira Lapa, que na sua auctorizada (e para o caso ainda não antiquada) opinião, diz:

1.º—Convem desengacear totalmente:

No fabrico dos vinhos brancos; No fabrico dos vinhos tintos, estando a uva mal madura ou sendo de natureza ácida e travosa, e querendo fazer um vinho mais maduro e suave que o ordinario da localidade;

No fabrico dos vinhos moscateis.

2.º—Não convem desengacear senão em parte:

Quando a uva está bem madura, mas os engacos verdoengos;

Quando a uva é aquosa e insípida e se teme que os vinhos sejam chatos e moles;

Quando os cachos tem pouco bago, por se não ter formado ou por haver apodrecido ou passado parte d'elle.

3.º—Não convem em absoluto o desengace:

Na vinificação das uvas excessivamente sacarinhas, sendo os mostos muito grossos;

No fabrico dos vinhos communs para embarque, querendo que elles se completem e socegum cedo.

### Utensilios e aparelhos de desengacear

O desengace pode, rudimentarmente, ser executado á medida que se faz a piza retirando com ancinhos os engacos livres dos bagos, pela pressão dos pés dos lagareiros.

Mas tal processo não é applicavel ao esmagamento mecanico; e, então, nas vindimas de pouco vulto, pode a separação das uvas ser feita com uma gadanha ou com um tridente de madeira, com os dentes dispostos em *pé de gallo*, estando as uvas dentro de uma celha.

Porém o mais frequente entre nós, nas pequenas e mesmo nas medianas vindimas, é o emprego do *ripo, ripadeira, ciranda* ou *escangalhadeira*, simples aparelho, que se arma sobre as bordas d'um tanque do lagar, ou numa especie

de meza, ou encostado á boca das dornas.

A ripadeira dá um certo expediente ao serviço, mas tem o grave inconveniente de obrigar ao friccionamento dos engaos na grade e, portanto, o perigo de comunicar ao mosto o sabor acre, principalmente se os engaos estiverem verdoengos.

Actualmente o desengace, entre os vinificadores mais aperfeiçoados, é feito com machinas, a maioria das quaes servem simultaneamente de *desengaçadeiras e esmagadoras*.

Ha diversos modelos d'estas machinas, que na sua essencia constam de um cilindro ôco, crivado de orificios, e, longitudinalmente, atravessado por um eixo munido de palhetas, o qual se põe em movimento por meio de uma manivela.

Sobre este cilindro ha uma tremonha onde se lançam os cachos.

A desengaçadeira talvez mais perfeita é a *desengaçadeira Mabile*.

Este aparelho, pode ter dois cilindros cheios, com movimento contrario, e esmagar a uva depois de desengaçada.

O seu funcionamento é excellentemente: desengacha 70 a 80 kilogrammas de uva por minuto.

A titulo de curiosidade, e para terminarmos, diremos que existe um modelo de desengaçadora-esmagadora, devido a um portuguez, o snr. dr. Figueiredo Leal, de Alpiarça, que mandou construir o seu invento a M. Gaillot, de Beaune, que, fazendo-lhe umas modificações, o introduziu no mercado—como se fosse invenção exclusiva!

Martinho da França Pereira Coutinho.

## PIOS

Na sessão de segunda-feira p. da camara dos deputados, o snr. Mesquita de Carvalho protestou contra a traficancia da criação de dois logares de inspectores consulares, para brindar dois meninos bonitos, apontando os varios bicos da maroteira e protestando contra ella. Responde o relator o snr. Macieira, os snrs. sabem, aquelle snr. Macieira que já foi ministro e que ainda espera tornar a sê-lo; justifica a tramoiá affirmando que aquillo que ao snr. Mesquita de Carvalho parece uma autentica maroteira, só o era no tempo da ominosa Monarchia; agora é tudo quanto ha de mais logico e natural.

Democraticamente fallando, não podemos deixar de acrescentar, visto o Matternick hortense se ter esquecido de o dizer.

Na mesma sessão o deputado Bernardo Lucas protestou contra os abusos dos fiscaes, na seringaço que, por conta da Companhia dos Phosphoros, veem fazendo á humanidade, a proposito de iscas e isqueiros. O honesto Alexandre Braga sahio logo, é claro, em defeza da Companhia.

Ou não se tratasse de iscas...

No gremio dos conspicuos senadores o snr. Carlos Richter, representante (por hypothese) de Traz-os-Montes, reclamou justiça para o Douro, descrevendo a sua miseria, o que o levou a fazer os tumultos que fez, no passado mez.

Pois senhores, o que o luminoso ministro do interior houve por bem responder foi: que as instituições não podem ser prejudicadas com as alterações da ordem publica no Douro, e que portanto se ha-de manter a ordem ainda que para isso tenha de empregar a violencia.

Ora sabendo-se que, se o Douro se agita, é porque vê a perspectiva da fome e da ruina, a resposta do ministro é um modelo

de fraternidade democratica. Com effeito que importa que duas provincias inteiras fiquem reduzidas á miseria? Que é isso comparado com as conveniencias das instituições?

—  
Duas senhoras da escola de Madame Sam Gens, que por direito proprio assistiam d'uma tribuna da camara dos deputados á eleição do presidente, disputaram sobre a propriedade de um logar que, ao contrario do que provavelmente lhes acontecia na praça da Figueira, em que se pagam a tanto o metro quadrado, era de quem primeiro o occupasse. E' claro que a *dama* que melhores razões apresentou em defeza da sua opinião e do seu direito, era democratica e tão recentemente o era que, não podendo, por causa do espartilho, tirar a faca da liga, viu-se na necessidade de dar uma simples bofetada na antagonista.

Os maridos, ou companheiros, ao certo não podemos averiguar, e que eram deputados, querendo armar em Gran Magriços, sahiram em defeza das suas damas; como porém tivessem para a circumstancia vestido a roupinha domingueira, e não querendo deixar de assistir á chegada do grande Ligorio, que nesse dia apparecia em scena, com a pressa, esqueceram-se das navalhas, por onde aprazaram um encontro para o dia seguinte. D'ahi o boato que correu, que elles se tinham desafiado para um duello.

—  
O Ministro de Inglaterra teve o mau gosto de reclamar contra a acção liberrima de uns liberrimos pensadores de Cintra, que foram á capella do palacio de Monserrate, de que é detentor o Visconde do mesmo titulo, um authentico e thalassico reaccionario, e inglez em carne e osso.

Assim não vale snr. Ministro. V. Ex.<sup>a</sup> com certeza exorbitou das instrucções do seu governo... a menos que essa coisa de a Inglaterra dizer que *deixa os democraticos entregues a si mesmos enquanto está occupada lá em casa*, não seja, só para inglez ver...

—  
O snr. Pulhote do Rego, que é indubitavelmente um monstro de moralidade, manteve a sua promessa de se demittir de pae da patria no caso de o snr. Bernardino ser guindado ao mais alto poleiro.

Pois na camara a que pertence, foi uma verdadeira desolação com a retirada de tão austero varão, e d'ahi, o snr. Visconde da Ribeira Brava, outro Catão de bom quilate, propôz, com grande força de apoiados, que se lhe fosse pedir, pelas suas alminhas, que voltasse ao seio da representação nacional.

Tal qual como se fez com o snr. Manoel d'Arriaga.

—  
O nosso estimado collega «A Vanguarda», que apezar de militar em campo diferente, nem por isso deixa de ser nosso correligionario, pois que tem como nós o culto da Patria, foi mais uma vez suspenso das funcções, que aliás exerce gratuitamente, de chronista dos notaveis feitos dos nossos estimados governantes.

Felicitemo-lo pelo facto, pois que a perseguição de que é victima, corresponde a um attestado de bom comportamento, e felicitamo-nos tambem a nós mesmos por vê-lo entrar novamente no nosso escriptorio, apezar de a sua visita nos custar dezreisitos.

—  
O encalhe do Republica, alcuinha porque agora é conhecido o antigo cruzador D. Amelia, é assumpto bastante para entreter a imaginação d'um philosopho.

Com effeito, com a perda de este navio, já o 4.<sup>o</sup> ou 5.<sup>o</sup> que a marinha de guerra portugueza perde, desde que a revolução triumphante fez de guardas matinhas

capitães de mar e guerra, é o philosopho levado a profundas conge-minencias.

Assim, a primeira coisa que vem á ideia, é investigar as razões porque agora tão frequentemente naufragam os navios do estudo aqui, na nossa costa, quando d'antes, os navios acabavam os seus dias serenamente no fim de uma longa vida de trabalho e glorias por mares longinuos e desconhecidos; e a segunda é a coincidência macabra de o Ré publica abicar á terra no mesmo sitio quasi, em que a Rainha Senhora Dona Amelia e mais Familia Real abicaram ao mar.

E' esquisito, é mesmo agourento, seria mesmo caso para pensar que onde se dão, ahi se apanham, se a *ré publica* não estivesse de *cal e pedra*.

De qualquer forma, a perda de mais este navio é um prejuizo... principalmente para o snr. Pulhote do Rego, que a repetir-se, o poderá privar do commando da esquadra, por a sua cathegoria de heroe do mar lhe não permitir occupar-se de pequenas coisas.

—  
Dizia ha dias o «Seculo» a respeito da grande manifestação da formiga tripeira ao grande estadista Ligorio:

*O Doutor Affonso Costa um pouco pallido, extremamente comovido, desenhando um sorriso, agradece a manifestação, que toma loucas proporções.*

Esqueceu-se de acrescentar ao sorriso o adjectivo angelical, assim como se esqueceu, ou fez caixinha, de nos informar onde diabo foi o dr. Ligorio aprender a desenhar sorrisos.

—  
Talvez tivesse tomado algumas lições de desenho com o seu admirador e amigo Pintor.

—  
Mais diz o honrado «Seculo» na mesma data:

*O snr. Seixas Junior, director da «Montanha» (olha quem elle é) diz: é justo constatar que se a cidade do Porto não veio em peso naquella viagem foi isso simplesmente em virtude da excursão ter sido organizada precipitadamente.*

Não ha nenhuma duvida que a excursão foi organizada tão precipitadamente, que nós mesmos, que graças a Deus não somos lá da grei, apenas ha coisa de três semanas soubemos que ella se projectava.

Tambem só isso poderia impedir o commercio e a industria, o capital, a propriedade e o trabalho de ir em peso cumprimentar o grandississimo... estadista, apresentando-lhe as suas homenagens, e votar aos deuses pelo prolongamento de tão preciosa existencia que tem feito a prosperidade das citadas classes, em particular e da patria em geral. A dar credito ao tal Seixas, o Porto não passa d'um enorme formigueiro. Sume-te, careca!

—  
O grande homem tinha a resposta na ponta da lingua e por isso, ripostou ao Seixas como segue:

«O snr. dr. Affonso Costa, agradecendo, diz aceitar a manifestação, não em homenagem de caracter pessoal, mas como testemunho de incitamento a que prossiga a obra que vem realizando em prol da republica. E' um simples trabalhador da causa republicana. Pessoalmente, pois, nada vale. Procurará fazer sempre porque a sua acção de homem publico mereça o applauso dos seus concidadãos.»

—  
Estamos promptos com o applauso dos concidadãos lá d'elle!

—  
Diz ainda a mesma gazeta:

«Como por encanto, numa aparição que parece de magica, surge a uma das janellas, ao lado do snr. dr. Affonso Costa, a figura sympathica e veneranda do novo presidente da republica, snr. dr. Bernardino Machado, que

pouco antes alli dera entrada para agradecer ao snr. dr. Affonso Costa a visita que lhe fizera na vespera, por motivo da sua eleição para presidente da republica.»

—  
Como por encanto, hein?! apparece a figura *sympathica*, olha o *sympathico!* do snr. Bernardino. Estamos mesmo a ver aquella scena magica, por nos lembrarmos d'umas caixas que havia d'antes, e que não sabemos se ainda ha, em que, carregando-se numa mola, se abria a tampa e sahia de dentro um figurão muito barbudo. Creio que se chamavam essas caixas—*boites à surprises*; e talvez seja em recordação d'ellas, que um diplomata estrangeiro qualificou o grande homem cordeal de *boite à mensonges*.

—  
Mas seja como fôr, o que mais nos dá no goto é a tal historia—*como por encanto!* Pois elle foi mesmo por obra de encantamento, que o grande homem alli appareceu, sem dar por isso. Elle proprio não sabe por que altas nigromancias foi transportado do familiar larario, aquelle improvisado altar da patria, e se achou envolvido nas nuvens de incenso queinado em honra de Moloch democratico! Credo! elle era lá capaz de desviar um viva, um só que fôsse, do seu natural destino! Era preciso não o conhecer, para desconhecer a aversão que elle tem ás manifestações espontaneas. Não faltava mais nada senão que, um cidadão em quem concorrem por hypothese todas as virtudes, lhe escasseasse a modestia.

—  
Disse mais a mesma gazeta no mesmo dia—aquillo é um manancial inexgotavel—que o grande estadista, no decimo ou vigessimo discurso que fez a proposito da manifestação:

*Não esquece que foi no Porto que tomou os seus compromissos politicos ao ser levado ao parlamento como seu representante.*

—  
Do que elle nunca mais se lembrou foi de os cumprir.

—  
Disse o mesmo grande homem que amava o Porto, como Lisboa, como todas as terras do paiz—faz lembrar aquelle figurão dos Sinos de Corneville que circassianas, georgianas e peruviañas tudo amou. Diz tambem que verificou na sua consciencia—pe-lo visto o homem faz agora experiencias no vacuo—que todas aquellas manifestações lhe significam a vontade do povo que o arrancou da beira do tumulo (os medicos que lhe agradeçam) na obrigação de trabalhar mais pelo progresso da *ré publica e da patria*.

—  
Estamos bem aviados! Como diabo ha-de elle atranjar simultaneamente as duas coisas?

—  
Tinhamos grande curiosidade em ver como elle resolve o problema. Deus queira que a guerra não acabe tão cedo. Aliás, lá se vae outra scena magica.

—  
Causou estranhese que o snr. Alexandre Braga não apparecesse na manifestação. Averiguando-se, chegou-se ao conhecimento de que lhe constára que se serviria um copo d'agua, ao que elle dissera: livra! se fôsse de vinho...

—  
Diz a lamparina democratica cá do burgo a proposito da cordeal eleição do cordeal presidente:

«A sua proverbial cordealidade, que em pornographicas revistas do anno *escriptores alfabeticos* trazem por intermedio de sujeitos feirantes á hilaridade grotesca dum publico malcreadão, sendo extremamente *sympathica* onde os mais elegantes se exercitam com orgulho no gesto bruto, pode desempenhar uma funcção de evidente utilidade.»

—  
De toda esta appocalyptica empada apenas percebemos e ficamos a saber uma coisa—é que ha *escriptores analphabeticos*... lá por casa, pelo menos.

## Onde nos doe... etc.

—  
Volta a *Alvorada* a reeditar os seus conhecidos argumentos, d'esta vez reforçados com a opinião... de um abbade, de um authentico abbade—ora vejam aonde o diabo se foi encostar! para nos convencer de que somos uns asnos e o seu director, pelo menos o immediato do Teophylo, sobre a maneira de interpretar o juramento dos militares ao Rei, á Patria e á lei.

—  
E' claro que de forma alguma nos julgamos á altura de discutir com tão esclarecido varão, e sobretudo falta-nos a audacia para discordar de sua douta opinião, douta e erudita ainda para mais; mas, não deixaremos, com a devida venia, de dizer, sem citações d'autores, sem recordar factos historicos, mas citando apenas a propria *Alvorada*, e apoiando a sua opinião que *o exercito é da Nação e não do Rei*, a que apenas nos permitimos o luxo de acrescentar—e muito menos do snr. Affonso Costa,—que é no fim de contas a encarnação da miseranda republica, que Machado Santos fundou, e elle Affonso estragou. Perderia litteralmente o meu tempo se quizesse convencer a *Alvorada* de que o snr. Affonso e a sua soberania são, á excepção de 10, 20, 30, 40 ou 50 mil seus admiradores, absoluta e cordealmente detestados pela totalidade da Nação Portugueza, que vê nelle o aventureiro sem escrupulos que não hesita em sacrificar uma nação inteira, na sua prosperidade, na sua honra e na sua dignidade, á sua cubiça e á sua vaidade. E como cá na casa o original não falta felizmente, não temos necessidade nenhuma de estarmos a estragar inutilmente papel, que está caro.

—  
A *Alvorada* não quer acreditar nos factos, como diabo se ha-de então convencer com argumentos? ainda que elles sejam da força dos que nos apresenta, verdadeiros paus de dois bicos que tanto dão d'um lado como do outro? Nós não somos assim, nós convencemo-nos.

—  
Quem poderá, por exemplo, resistir a um argumento da força d'este que a *Alvorada* apresenta: *Terrivel colisão a d'aquelles que não querem ou não podem comprehendêr que a revolução é um direito natural, consagrado por um evangelho, escripto com o sangue generoso do povo?* Se fôsemos nós que lh'o apresentássemos, não a convenceríamos.

—  
Com tudo, desde que lhe não accrescente—quando isso nos convier—o argumento tanto dá p'ra lá como p'ra cá.

—  
Positivamente não nos podemos medir com um adversario assim forte e prevenido, mas em todo o caso, em antes de batermos em retirada, e confessarmos a nossa derrota, não podemos deixar de dizer, a proposito do *nosso picaresco reparo por haver officias do exercito fieis ao regimen constituido* que o reparo, cujo qualificativo define um homem e até um partido, não foi por haver officias com sufficiente falta de vergonha e a consequente abundancia de desfaçatez, para, sabendo, segundo é do credo democratico, que *o exercito pertence á nação—que lhe paga—e não a esta ou aquella entidade que predomina no momento*, sabendo tambem segundo o mesmo credo—que *a revolução é um direito natural consagrado por um evangelho escripto com o sangue do povo*, venha fallar em honra e brio militar a proposito de pertencer a uma facção, que se quer sobrepôr á vontade da nação, e que por todas as formas impede ao povo o *sagrado direito* de se revoltar contra a tyrannia que o esmaga.

—  
A *Alvorada* e o seu director podem dizer o que quizerem, que isso nada nos importa—nós le-

mo-la de graça; mas os snrs. maiores é que não dirão impunemente improperios: a nação faz não pequenos sacrificios para lhes pagar, e se os faz, é para que zelem a sua honra e dignidade, e não para que uma democratica orgia de arroz de frango e vinho verde a insultem, dando com os pratos na cara a quem os engorda e mantém.

E ponto final.

### A republica julgada pelos proprios republicanos

#### O governo appoia-se em bandidos.

affirma o deputado dr. Celorico Gil.

O governo fez por três contos uma concessão do valor de milhares e milhares de contos a quatro individuos que já procuraram vendê-la a um hespanhol e cuidam actualmente em negociar com outros estrangeiros.

Esta extraordinaria concessão, além de representar uma flagrante e consciente violação á lei fundamental do país, constitue ainda um verdadeiro attentado aos sagrados interesses nacionaes e uma affronta vergonhosa—ia a dizer—impudente á moralidade da administração publica.

diz o deputado Camillo Rodrigues.

Para certos republicanos a republica tem sido um pé de cabra com que veem augmentando os seus haveres.

affirmou o senador Dr. João de Freitas.

Nos quarenta mezes de vida que tem tido a republica, jamais se gosou um dia de calma absoluta, sem receio do dia seguinte.

diz Machado Santos.

«Não é, positivamente, com os processos de governança e a administração de que o projecto dos inspectores consulares é um tristissimo indice que a Republica se prestigia e consolida. Acreditamos piamente que seja assim, inventando logares para os amigos que a dedicação d'estes se assegura. Acreditamos. Mas do que estamos certos é que não é fazendo esses favores que prejudicam o thesouro publico que o regimen se impõe á amisade e ao respeito do povo que não pretendendo logares *apenas quer que a Republica não seja uma felperra de barrete phrygio, mas um regimen de honestidade.*»

affirma o jornalista democratico Ricardo Covões.

### Jam presidentem habemus!

Habemus é um modo de falar... lá d'elles.

Nós outros, não temos coisa nenhuma que nisso nos interesse, tão pouca importancia tem para nós que o presidente d'essa coisa a que elles chamam *ré publica*, seja a mais alta *cerebração* da península, seja o mais inspirado poeta da raça latina, ou seja simplesmente um vulgar almo-creve das petas. Para nós, isto é, para a Nação portugueza—, pouco se nos dá que seja este ou aquelle que desempenha o papel de Compère, nesta macabra revista, bastante pornographica por signal, a que as nações civilizadas estão assistindo e em que todos nós somos comparsas—a tanto por cabeça ainda por cima.

Mas se para nada nos interessa, nem a função, nem quem a exerce, nem por isso deixaremos de salientar o que ha de macabro na eleição do snr. Bernardino Machado para o que elles cha-

mam o alto cargo da presidencia da *ré publica*.

Todos sabem as razões porque o snr. Bernardino Machado foi chamado a gritos da sua patria nativa, onde se achava no goso da prebenda embaixatorial. Todos sabem a forma porque elle se desempenhou da incumbencia de pacificar a familia republicana. Todos sabem o resultado da sua acção. Todos sabem como elle cahiu e por isso todos se espantam como se levantou.

Mas, estamos a ver, as gentes democraticas são physica e moralmente diferentes de toda e qualquer outra creatura humana: cahem, e quer esse trambolhão seja o material trambolhão de quem, acossado pelo pavor, se atira por uma janella fora, quer seja na ordem moral, a queda de toda a altura do seu prestigio, quando nós outros, os simples mortaes, supomos que definitivamente liquidaram, verificamos com espanto, que se dá com elles o mesmo que com os carneiros: quanto mais recuam, maior é a marrada.

Assim aconteceu com o trambolhão material do snr. Costa—unico attentado eficaz e sem premeditação, de que foi victima, e assim aconteceu com o trambolhão moral do snr. Bernardino. O primeiro, que a ser um simples mortal, teria posto um desastrado ponto final na sua nefasta gloria, na tarde em que o pavor o atirou pela janella do electrico, restaurou-se a tempo de impor o seu voto de qualidade, isto é, a sua omnipotente vontade, na escolha do presidente, o segundo, a ser tambem um mi-zero martial, ao ver como foi apreciada pelos seus proprios correligionarios a sua acção governativa, o melhor que teria a fazer seria regressar ao seu berço natal, não já como embaixador d'outra nação, mas como bom filho que á casa torna e descançar á sombra da bananeira, senão á da propria mansanilha, se para tanto lhe sobrasse o animo, e o atormentasse o desgosto.

Mas não se deu felizmente, como se está vendo, nada de irreparavel, nestas duas quedas, muito pelo contrario: parece que com estes dois super homens, com estes dois semi-deuses se deu o que se dava com Antheu, sem igual no favor e no goso da graça divina, que, de cada vez que, em luta com o adversario, tocava a terra, ganhava novas forças para vencer. Calcule-se pois até onde poderão ir dois entes assim dotados, desde que entre si estabeleceram uma sociedade de socorros mutuos que os leve a unir-se e a amparar-se, com o patriótico fim de gosarem tão amplamente quanto em sua omnipotencia caiba, o usufructo do poder e as *compensações* que o encargo lhes traz.

E' de esperar que d'este espiritual consorcio grandes coisas resultem. Que os genios protectores dos grandes homens os preservem dos males e lhes aplanem o caminho e sobre tudo impeçam qualquer complicação que porventura possa haver e lhes deixe realizar o grande sonho de olympico presidente um, e ministro omnipotente o outro, e sobre tudo faça esquecer aquellas agoirentas palavras do Morning Post, e que transcrevemos no nosso n.º 69:

*Durante a guerra, a Inglaterra não pode tratar questões secundarias e os democratas portuguezes tem que ficar entregues a si mesmos, circumstancia de que aliás elles tem usado durante os ultimos dez mezes. No mesmo tempo os inglezes não estão resolvidos a abandonar a sua tradição de muitos seculos para sustentar ou acatar a injustiça mesmo quando ella con-siga ser victoriosa.*

Deus queira que a guerra dure ao menos até 6 de outubro; depois de tantas coisas verdadeiramente

maravilhosas que se deram na eleição do snr. Bernardino, seria lamentavel que sua excellencia cordial e democratica, ficasse privado de comunicar em pé de igualdade com os seus reaes e imperiaes collegas, na chefatura do estado e ao mesmo tempo abraçar oficialmente em nome da Nação as colarejas do mercado da Ribeira Nova.

### Carteira Elegante

Fazem annos na segunda quinzena de agosto as seguintes Senhoras e Cavalheiros:

DIA 21

D. Maria Cacilda Guimarães. D. Maria da Gloria Moniz Coelho da Silva de Moura Teixeira.

DIA 22

Dr. Manuel Bernardino d'Araujo Abreu.

DIA 23

D. Emilia Augusta de Mattos Chaves.

DIA 24

D. Alcina Carolina Vieira Sampayo Castro e Almeida.

José Bernardino d'Araujo Abreu.

DIA 26

Capitão Arnaldo Augusto de Souza Queiroz.

Francisco Lopes de Mattos Chaves.

DIA 28

José Ribeiro Martins da Costa (Aldão).

DIA 29

D. Anna Candida da Cunha. Antonio d'Oliveira Ramos. Dr. Antonio Pinheiro Torres.

DIA 30

D. Anna Maria de Barros da Rocha Carneiro. Padre Gaspar da Costa Roriz.

#### Casamento

Na magnifica quinta da Vigia, em Santa Maria da Cintra, realçou-se o auspicioso consorcio da ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Maria Izabel de Castro Pereira, gentil filha da ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Cecilia Van-Zeller Costa Pereira e do snr. Manuel de Castro Pereira, importante e opulento proprietario, com o nosso illustre e pre-sadissimo amigo snr. Guilherme Street de Arriaga e Cunha (Carnide).

A capella particular da quinta estava ornamentada com plantas raras, sob a direcção do jardineiro da casa, e as salas foram ajazadas lindamente pelo desenhador snr. Joaquim Francisco Marques.

A gentil noiva entrou na capella ao meio-dia pelo braço de seu pae, trajando um lindo vestido *chamoise* com riquissimas rendas de Bruxellas. A cauda pegaram mesdemoiselles Maria Rita Corrêa Henriques e Maria Benedicta de Castro Pereira.

Lançou a benção o capellão da casa snr. Padre Carlos de Azevedo, sendo assistentes mais dois eclesiasticos.

Foram padrinhos da noiva sua ex.<sup>ma</sup> mãe e sua prima a ex.<sup>ma</sup> Senhora Condessa de Seisal e do noivo, seu irmão o nosso illustre amigo snr. Conde de Carnide e seu tio o snr. Conselheiro d'Estado João Franco.

Na assistencia, onde se viam elegantissimas e custosas *toilettes*, viam-se as seguintes Senhoras:

Condessa de Seisal (D. Maria), D. Clementina Silva Carvalho e

filhas, D. Palmira de Soure e filhas, D. Emilia Corrêa Leite (Seisal), D. Angela Mello, D. Livia Schindler Franco, D. Palmyra Schindler, D. Sophia Pestana, D. Conceição Casal Ribeiro Ulrich e D. Maria de Assumpção Mello.

E os snrs.: conselheiro d'Estado João Franco, José de Mello (Sabugosa), Victor Vasconcellos d'Abreu, João Bregaro, D. Carlos da Camara, Dr. Fernando Ulrich, Manoel Braamcamp (Sobral), D. Jorge de Mello, Dr. Frederico Franco e Dr. João Ulrich.

Com os nossos melhores cumprimentos fazemos votos pela felicidade dos illustres conjuges.

#### Cotillon

Na quinta-feira em Vizella realisou-se um brilhante *cotillon*, organizado por alguns dos mais distinctos frequentadores d'aquella linda estancia.

Resultou numa festa muito alegre, tendo terminado de madrugada.

D'esta cidade foram assistir algumas pessoas, que receberam para esse fim, convite da illustre comissão promotora.

#### Duqueza de Palmella

De visita aos illustres titulares Senhores Viscondes de Paço de Nespereira, esteve em Braga a ex.<sup>ma</sup> Senhora Duqueza de Palmella.

Os Senhores Viscondes de Nespereira, querendo distinguir a fidalga Senhora, offereceram-lhe um fino chá, a que assistiram algumas das mais illustres pessoas d'aquella terra.

Acompanhado de sua ex.<sup>ma</sup> familia está em Paço-d'Arcos, o nosso presado amigo e illustre jornalista snr. Severim d'Azevedo (Crispim).

Nas suas propriedades de Sezins, está com suas ex.<sup>mas</sup> filhas a ex.<sup>ma</sup> Senhora Baroneza de Pombeiro de Riba-Vizella.

Está entre nós, acompanhado de sua ex.<sup>ma</sup> esposa, o nosso presado amigo e distincto magistrado snr. dr. Raul Cunha.

Acompanhada de seus filhinhos e de sua gentil sobrinha, parte na proxima terça-feira, para a Povoia de Varzim, a ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Rita de Moura Machado, virtuosa esposa do nosso querido amigo snr. dr. José Maria de Moura Machado.

Na mesma praia tambem se encontra, com sua ex.<sup>ma</sup> familia, o snr. José do Amaral Ferreira.

Tem estado nesta cidade, de visita a sua veneranda familia, o nosso querido conterrâneo snr. capitão Alberto Cardoso Menezes Martins de Macêdo (Margaride).

O distincto official, que como dissemos regressou de Africa, tem recebido cumprimentos das familias mais gradadas d'esta terra.

Acompanhada de suas gentis e insinuantes filhas esteve um dia d'estes entre nós, a nobilissima titular ex.<sup>ma</sup> Senhora Condessa Corrêa de Bettencourt.

Acompanhado de sua ex.<sup>ma</sup> familia, partiu hontem para Villa do Conde, o nosso illustre amigo snr. João Cardoso de Macedo Martins de Menezes (Margaride).

Na companhia de sua illustre esposa está na mesma praia o nosso distincto conterrâneo snr.

dr. Henrique Cardoso Martins de Menezes (Margaride).

Na mesma praia, está com sua ex.<sup>ma</sup> mãe e gentil irmã, o nosso querido amigo snr. dr. Paulo Mexia (Pombeiro).

Na companhia de sua ex.<sup>ma</sup> familia está na praia de Moledo, o nosso estimado amigo snr. Antonio Leite de Castro.

Regressa brevemente a Guimarães o snr. conego José Maria Gomes, intelligente professor do lyceu e deputado por este circulo.

De Vizella retirou ha dias, depois de ter feito alli uma longa temporada, o nosso querido amigo snr. Conde de Calheiros.

Parte na terça-feira para o Gerez, onde vae fazer uma cura d'aguas, o nosso presado amigo e illustre director da *Escola Academica*, snr. Padre José Maria da Silva.

Tem estado doente, mas felizmente vae em vias de restabelecimento, o nosso estimado amigo e antigo presidente da Camara, snr. Alvaro da Costa Guimarães.

Com sua ex.<sup>ma</sup> familia, está na Povoia de Varzim, o snr. Conselheiro dr. Luiz Augusto Teixeira Lobato, illustre delegado de saude e reitor do lyceu em Villa Real.

Retira brevemente para a Foz-do-Douro, o nosso illustre amigo e antigo deputado da nação, snr. dr. João de Santiago.

Está em Vizella o illustre titular e nosso distincto amigo snr. Conde de Leça.

Na mesma estancia, está com sua ex.<sup>ma</sup> familia o nosso amigo snr. João José Mendes Guimarães.

Encontra-se doente, o nosso sympathico amigo Amadeu da Costa Carvalho, cujas melhoras ardentemente desejamos.

Encontra-se no Luso, o nosso presado amigo snr. Ayres Valdez Pinto da Cunha.

## NOTICIARIO

### Aviso

A administração dos *Echos de Guimarães*, participa aos seus estimados assignantes, que lhe é muito agradavel enviar o seu jornal para qualquer parte onde se achem, bastando para isso enviar as suas moradas para a sede de administração, rua de Payo Galvão n.º 70.

### “O THALASSA,”

A empreza do jornal humoristico e de caricaturas, nosso illustre collega, *O Thalassa*, pede aos seus assignantes, que ainda não responderam á ultima circular d'este semanario, o favor de o fazerem com a *maior brevidade*, e bem assim roga a todos os seus assignantes o obsequio de satisfazerem os recibos que está enviando á cobrança, logo que recebam o respectivo aviso, afim de evitar graves transtornos á administração.

Da rapida satisfação d'estes pedidos, por parte dos assignantes, depende o proximo reaparecimento do *Thalassa*, cuja publicação a empreza tenciona recommençar por todo o corrente mez.

Previne tambem todos os col-

leccionadores que as capas para o 2.º anno do *Thalassa* e as respectivas encadernações se encontram promptas á venda na sede da administração Rua da Emenda, 45, rjc—onde podem ser requisitadas todos os dias uteis das 11 ás 5 da tarde. O preço da capa é de 10000 reis.

**Manuel Moniz**

Completo muito distinctamente e com a mais honrosa classificação o primeiro anno de engenharia, na Universidade do Porto, o nosso querido amigo Manuel Maria Moniz.

Rapaz muito sympathico, Manuel Moniz, tem conquistado sempre as melhores classificações, aliás bem devidas ao seu amor ao estudo e ás suas brilhantes faculdades de trabalho e intelligencia.

Enviando-lhe os nossos cumprimentos, amistosamente o abraçamos, fazendo votos para que a sua carreira continue sendo tão brilhante como até aqui.

**EXPEDIENTE**

Prevenimos os nossos presados assinantes que está em cobrança o primeiro semestre do 2.º anno de assignatura dos «Echos de Guimarães», pres-tes a vencer-se.

Rogamos-lhes porisso a fineza de pagarem logo que lhes sejam apresentados os recibos, ou de mandarem satisfazer quando para isso recebam aviso da estação postal para onde já foram enviados.

Aos que ainda devem a importancia do 2.º semestre do primeiro anno foram os recibos processados por um anno, esperando que todos procurarão satisfazer com pontualidade para não crearem embaraços á empreza.

E ainda áquelles que devem desde o principio da publicação prevenimos para pagarem os seus debitos, sob pena de, não o fazendo até ao fim do corrente mez de agosto, soffrerem a interrupção na remessa, pena que já foi applicada a alguns pelas respostas que deram a quem lhes apresentou os recibos em debito.

**A Empreza.**

**Banquete**

Segundo nos consta realiza-se no dia 29 do corrente mez, um banquete de homenagem aos illustres commandantes dos Bombeiros Voluntarios, os nossos presados amigos snrs. Simão da Costa Guimarães e José Luiz de Pina.

E' uma homenagem merecidissima, porquanto os dois distinctos cavalheiros, tem prestado incalculaveis serviços áquella benemerita corporação.

**Fallecimento**

*D. Albertina Martins*

Embora já o contássemos e para nós não fosse surpresa, pois todos os dias nos informavamos da marcha da doença, não nos causou por isso menos pesar o fallecimento da ex.ª Senhora D. Albertina Rodrigues da Silva Martins da Costa, virtuosa esposa do nosso querido amigo snr. Domingos Ribeiro Martins da Costa (Aldão).

Nova ainda, a illustre extincta era uma Senhora virtuosissima, aliando ás suas boas e excellentes qualidades, uma bondade grande, que a tornavam queridissima nesta terra, que hoje immensamente deplora o seu passamento.

Casada ha alguns annos com aquelle nosso presado amigo, D. Albertina Martins soube ser esposa dedicada quanto foi mãe extremosa, motivo porque deixa inconsolaveis seu marido e filhos, a quem dedicava todas as suas affeições.

Dolorosamente nos contrista a sua morte, ao vermos a grande e irreparavel falta que faz aos seus, que hoje deploram com grande pesar o seu fallecimento.

Outra coisa não era de esperar, porquanto a illustre extincta vivia unicamente para os seus, que até ao ultimo momento lhe foram de grande carinho e afago, recebendo com amor o seu ultimo suspiro, emquanto que a sua virtuosa alma entrava de posse da Bemaventurança. Bem dita a memoria dos que morrem no Senhor, e d'esta pode e deve dizer-se, morreu confortada com os Sacramentos da Igreja e cheia de esperanza na misericordia de Deus, que sendo infinita, é justa em galardoar-lhe os meritos com o Ceu. Apenas foi conhecida a triste noticia do seu fallecimento, immediatamente se dirigiram para a casa anojada as familias mais distinctas d'esta terra, com muitas das quaes, a illustre finada se achava aparentada. O seu funeral, que deve ser uma imponente manifestação de pesar pela morte e de consideração e estima pela familia, deve realizar-se na Igreja da Misericordia ás 11 horas da manhã, de segunda-feira, sendo em seguida o cadaver inhumado em jazigo privativo no cemiterio municipal.

A toda a illustre familia anojada e especialmente a seu marido, os «Echos de Guimarães» enviam o seu mais sentido pesar.

**Festividade**

E' hoje que com a maior impenonencia se realisa a festividade em honra da augusta Padroeira da Cidade, a veneranda e milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Oliveira.

De manhã, a missa cantada a grande orchestra e de tarde, pelas 5 horas, vespersas, sermão pelo illustre orador sagrado de Barcellos, Rev.º Alexandrino Leituga e Te-Deum, terminando em seguida a grandiosa festividade com a encerração do Santissimo Sacramento.

O templo apresenta uma magestosa e elegantissima decoração.

**Exame**

Fez exame de 2.º grau, ficando distincta, a sympathica menina Albertina Ferreira, filha do nosso amigo e intelligente solicitador nesta comarca snr. Francisco de Faria.

A' intelligente creança e a seu pae os nossos cumprimentos.

Aos nossos leitores recomendamos a infeliz Isabel de Oliveira Rodrigues de Castro, moradora na rua Gravador Molarinho, 81, que já há bastante tempo se encontra lutando com a terrível tuberculose.

**Interdicção**

(2.ª Publicação)

Para os effeitos do § 5.º do artigo 427 do codigo de processo civil, se faz publico que por sentença de 2 do corrente mez d'agosto, foi julgado interdicto da administração geral de seus bens, por prodigalidade, João Baptista de Freitas Ribeiro, casado, proprietario e morador no logar de Toriz, da freguezia de Fermentões, d'esta comarca.

Guimarães, 4 d'agosto de 1915.

Verifiquei,  
**Santos.**

O escrivão do 1.º officio,

*Armando da Costa Nogueira.*

**Machinas de Costura "Singer," e outras marcas**

Vendem-se a 500 réis semanaes ou a dinheiro, com grandes descontos, em Guimarães

**Benjamim de Mattos**

com estabelecimento de fazendas, bicycletas e seus accessorios.

TOURAL, 105.

**Mercearia e Confeitaria Andrade**

32, Largo da Oliveira, 33  
**Guimarães**

Virgilio Vieira d'Andrade participa a todos os seus amigos e aos freguezes habituaes da casa, que acaba de tomar de trespasse a antiga Confeitaria Fernandes, ao largo da Oliveira, onde todos encontrarão completo sortido de artigos de mercearia de 1.ª qualidade, e de confeitaria, como: sonhos, tortas, sardinhas de doce, pão de ló fabricado pelo systema de Margaride, frutas secas e caldeadas, etc., etc.

Recebem-se encomendas de doce de prato, o qual se fornece com a maxima perfeição e acceio.

Vinho tinto deliciosos; cervejas e gasosas.

Apetitosos petiscos; excellente queijo da Serra e flamengo.

Travessa do Monte Pio, á Senhora da Guia.

Preços rasoaveis.

**NOVA OFFICINA DE LATOARIA E FUNDIÇÃO DE METAES**

— DE —

**GUIMARÃES & LOBO**

122, Rua D. João I, 124

**GUIMARÃES**

Encartegam-se de canalisações para agua e gaz, interiores e exteriores, tanto em chumbo como em ferro, e todos os trabalhos da sua arte, tanto nesta cidade como fóra

Executam trabalhos em metal, taes como:

Lanternas e gazometros para automoveis, em cobre; alambiques para destilações, tanto antigos como modernos; e em chapa de ferro estanhada e por estanhar e fundição de metaes.

Garante-se a solidez e perfeição.

Fabricação de alambiques e apparatus em todos os systemas

Compram e vendem metaes velhos de todas as qualidades

ACABA DE APPARECER:

**ALMANACH DE "A FÉ CHRISTÃ,"**

para 1915

3.º anno de publicação

Explendida publicação contendo numerosas photogravuras, distincta colaboração em prosa e verso, charadas, enigmas, pensamentos, scenas mudas e uma serie de indicações de utilidade, que tornam o Almanach uma obra digna de toda a acceitação e que os catholicos portuguezes jamais devem deixar de adquirir.

O Almanach é o livro de maior consulta e o melhor amigo para nos entreter, alegrar e instruir.

Como nos annos anteriores o Almanaque da "Fé Christã," é illustrado com uma capa a duas cores.

A' venda em todo o paiz

Ao preço de 150 reis br. e 200 enc. pelo correio mais 20 reis de porte

**Echos de Guimarães**

PUBLICAÇÃO SEMANAL

PREÇO DA ASSIGNATURA  
(Pagamento adeantado)

Portugal, Ultramar e Hespanha	
Anno . . . . .	1\$800 rs.
Semestre . . . . .	650 "
Trimestre . . . . .	350 "
Estados U. do Brazil (anno) . . . . .	2\$000 "
Paizes da União Postal . . . . .	2\$500 "
Numero avulso . . . . .	30 "

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES  
(Pagamento adeantado)

Annuncios e communicados, linha	40 rs.
Repetições, por linha . . . . .	20 "
Permanentes, contracto convencional.	
Reclamos, no corpo do jornal, até 5 linhas, cada um . . . . .	100 "
Annunciam-se as publicações que o mereçam, mediante um exemplar gratis.	
Annuncios, não judiciaes, para os srs. assignantes, 25 % de abatimento.	

P. LUIZ DIAS DA SILVA

**SERMAO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO**

prégado na igreja matriz de Fafe, em 8 de Dezembro de 1912; acaba de ser editado num elegante opúsculo, precedido da narração do

**interessante episodio** que determinou a sua publicação.

PREÇO, 60 RS.

Pelo correio 65 rs.

Pedidos á Typ. Minerva Vimaranesse R. Payo Galvão—Guimarães.

**Echos de Guimarães**

II Anno

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Num. 74

Ex.º Snr.